

José Roberto Santos Neves

Retrato sensível de uma diva

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Chove muito no início de “Rio Sonata”. Imagens do cotidiano urbano com sua correria desenfreada – engarrafamento, pontos de ônibus lotados, trabalhadores lutando pelo pão de cada dia – aparecem na tela, tendo ao fundo a voz grave e empostada que o país aprendeu a admirar nas últimas cinco décadas. Um vendedor ambulante tenta, com um bocado de dificuldade, lembrar uma canção da artista homenageada. E, aos poucos, a fotografia dura dá lugar à exuberante paisagem do Rio de Janeiro, com a Baía de Guanabara, o verde da Mata Atlântica, o véu da neblina ao alvorecer, os pescadores na labuta diária, as ondas fortes batendo nas pedras. É a partir desse jogo de harmonias e contrastes que o cineasta franco-suíço Georges Gachot constrói seu novo documentário, sobre o papel de Nana Caymmi na música popular brasileira.

O filme, exibido no encerramento do 17º Vitória Cine Vídeo, ainda não entrou em cartaz nos cinemas do Estado. Uma pena. Assim como fizera em “Música é Perfume”, dedicado a Maria Bethânia, Georges Gachot usa música, lirismo e delicadeza para contar a trajetória da protagonista.

O foco é a relação de Nana Caymmi com o Rio de Janeiro, cidade com a qual mantém uma inabalável história de amor, o que lhe deixa à vontade para tecer suas críticas ferinas: “O Rio de Janeiro está desse jeito aí que vocês estão vendo. Eu posso falar mal do Rio, sou carioca do Grajaú, aquilo é a faixa de Gaza”, alfineta a cantora durante passeio de carro pela cidade.

“Rio Sonata” recupera imagens raras da participação de Nana Caymmi no 3º Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, em 1967, quando ela defendeu “Bom Dia”, parceria com Gilberto Gil, com quem teve um breve casamento. Sua história é contada por ela e pelos amigos – Gil, Milton Nascimento, Maria Bethânia, João Donato, Mart’nalía. O ritmo é lento, contemplativo, salvo quando a própria Nana quebra a singeleza com uma ou outra tirada sarcástica: “Eu adoro me ouvir cantando” é uma delas, durante uma partida de baralho com amigos.

Há dois, ou melhor, três pontos altos na narrativa. O primeiro é o momento em que Nana Caymmi fala sobre sua necessidade de silêncio e a relação com o tempo. “O tempo está presente em tudo. E o melhor é quando não o cronometramos”, afirma, numa clara alusão a “Resposta ao Tempo” (1998), de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos, um de seus grandes sucessos que viraram tema de novelas e minisséries da Globo. Outro destaque é o vínculo afetivo com o irmão Dori Caymmi. O depoimento de Dori, durante gravação no estúdio, é o mais revelador da obra. Ele confessa que a irmã é a sua cantora preferida e rebobina a vitória dela na etapa nacional do 1º Festival Internacional da Canção Popular, em 1966, com “Saveiros”, parceria dele com Nelson Motta: “O Nelson queria que Elis cantasse. Eu falei: ‘Nada disso. Quem vai cantar é a Nana’”. E vai além: “Cometi um erro na tonalidade de ‘Saveiros’. A música

José Roberto Santos Neves

estava muito alta para a Nana. Deveria estar pelo menos um tom e meio abaixo. Ela cantou esganiçada, mas foi bem”.

Por fim, as imagens de arquivo de Dorival Caymmi e o depoimento de Nana sobre o “Acalanto” que o pai fez para a filha coroam uma obra de rara sensibilidade e que, pela descendência direta do mestre, irá para sempre ecoar junto às forças da natureza.